



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de formatura de alunos do Todos pela Alfabetização (Topa) e premiação para iniciativas sociais**

**Salvador-BA, 29 de julho de 2008**

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia, e sua querida esposa Maria de Fátima,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Geddel Vieira, ministro da Integração Nacional,

Meu querido companheiro Altermir Gregolin, ministro da Aquicultura e Pesca,

Meu querido companheiro Waldir Pires, ex-governador e ex-ministro de Estado,

Meu caro Edmundo Pereira, vice-governador do estado da Bahia,

Nosso querido convidado especial, esta figura simpática, companheiro Eduardo Braga, governador do estado do Amazonas,

Nosso querido companheiro senador e ex-governador do estado, João Durval,

Companheiros e companheiras deputados federais, deputados estaduais,

Meu caro Secretário da Educação do estado da Bahia,

Meu caro José Raimundo Fontes, prefeito de Vitória da Conquista e representante dos municípios que aderiram ao Topa, em nome do qual saúdo todos os prefeitos e prefeitas da região,



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa**  
**Discurso do Presidente da República**

---

Magníficos reitores presentes a este ato, Naomar Monteiro de Almeida Filho, da Universidade Federal da Bahia; Paulo Gabriel, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Lourisvaldo Valentim, da Universidade do Estado da Bahia; Antônio Joaquim Bastos, da Universidade Estadual de Santa Cruz,

Professora Francisca Eleni, coordenadora estadual do Topa,  
Minhas queridas companheiras e meus queridos companheiros formandos,

Meus caros agraciados pelo prêmio Cosme de Farias,  
Nosso querido companheiro, Luiz Medeiros, orador da turma,

Wagner, eu gostaria de começar dizendo uma coisa para o nosso querido Luiz Medeiros: não sei quantas pessoas alfabetizadas falaria ou leriam melhor do que você na frente de tantas personalidades públicas do País. Vou lhe contar um caso. No dia 24 de abril de 1975 eu assumia, pela primeira vez, a Presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e, pela primeira vez, ia fazer um discurso para os trabalhadores metalúrgicos. Peguei o meu discurso. Era tudo fácil antes de eu subir ao palco, antes de ficar diante do microfone. Minha mulher, na frente, com dois filhos... e um espelho d'água. A primeira coisa que aconteceu foi um se jogar dentro do espelho d'água, achando que era uma piscina. Fui começar a ler o meu discurso e tremia tanto, Luiz Medeiros, que um companheiro que era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, chamado Marcelo Gato, foi obrigado a segurar na minha mão para eu conseguir ler. Tremiam as mãos e tremiam as pernas. Parecia um cavalo novo pinoteando. Daqui a alguns dias, quando voltar à Bahia, vou ver uma plaquinha: "Luiz Medeiros, candidato a vereador", porque o "bichinho" está preparado.

Vou ler o meu pequeno discurso. O meu é com letras grandes, para eu não errar. Deixe-me dizer uma coisa, Wagner. Eu tenho 63 anos de idade. Para



alguns parece que eu tenho 80. Quando o Wagner falou “tantos se inscreveram com mais de 100 anos”, eu pensei: todo mundo vai olhar para mim. Para alguns parece que eu tenho mais de 100 e para outros parece que eu tenho apenas 30. Vai do estado de espírito de quem está enxergando. Com 63 anos de idade, eu sou de uma geração que ouviu, muitas vezes, o pai dizer para as irmãs e para a mãe que as irmãs não iriam à escola, porque senão iriam aprender a escrever cartas para os namorados. Não faz muito tempo. Faz um pouquinho mais de 50 anos, ou seja, meio século, já em São Paulo e não mais em Pernambuco, que eu vi muitas vezes minhas irmãs querendo ir à escola e meu pai não deixava. Os homens podiam ir, as mulheres não.

Não sei se ainda hoje existe isso mas eu penso que, em muitos lugares do Brasil, pouca coisa mudou nesses 50 anos. Ainda tem muita gente ignorante. Por que proibir alguém de escrever uma carta ao namorado? Tem coisa mais bonita que ver uma carta do namorado ou da namorada? Eu vivi isso na minha vida. Minha mãe morreu analfabeta. Aos sete anos de idade, ela me levava à Praça da Sé ou à Praça João Mendes, em São Paulo – não sei se alguém aqui já foi a São Paulo – e minha mãe ficava “areada” de vez em quando. Não sei se aqui na Bahia utilizam este termo “ficar areada”... “Ficar areada” é descer em um lugar, andar um pouco e depois não saber mais onde está. Minha mãe vivia “areada” no centro de São Paulo. Saía com a gente para tirar documentos e a coitadinha se perdia, não sabia ler. Havia muitos ônibus vermelhos e ela ficava perguntando. É humilhante, às vezes, perguntar “que ônibus eu pego?”.

A gente está contando coisas que pensa serem do interior do País. Quando eu assumi a Presidência da República tinha, no Palácio do Planalto e na Granja do Torto, empregados analfabetos. Tem um companheiro que trabalha até hoje – que chama dona Marisa de madrinha porque ela o colocou na escola – que conta que a Granja do Torto fica mais perto da casa dele que a rodoviária. Ele saía do Torto, pegava a perua, e ia até a rodoviária de Brasília



porque não sabia parar o ônibus na rua. Andava 13 quilômetros para trás para pegar o ônibus no ponto final, que sabia onde era, para ir para casa. Esse cara foi alfabetizado depois que eu cheguei à Presidência da República.

É uma demonstração desta coisa maravilhosa que vimos aqui hoje, desta coisa extraordinária: tanta gente querendo recuperar o tempo perdido e se apegar às oportunidades que estão aparecendo para deixar o passado para trás e construir um futuro muito mais digno. Tudo isso poderia ter sido resolvido há 40 anos, 50 anos, 60 anos. Afinal de contas, este País foi governado por muita gente letrada. O primeiro que não tem diploma universitário sou eu. Todos foram doutores que governaram este País, numa demonstração de que não era ignorância não, era o jeito de ver o País: “Tem uma parte da sociedade que não sabe ler mesmo, então deixa para lá”. Era assim que se pensava neste País. “Para que alfabetizar adultos? Vamos tentar alfabetizar só as crianças”. Como se as pessoas que não tiveram oportunidade e estão com 20, 30, 40 anos, fossem obrigadas a ficar segregadas na ignorância porque o Estado achava que elas não tinham mais jeito.

Eu quero, Wagner, começar aqui dando os parabéns a você. Antes de o Fernando Haddad falar publicamente, ele tinha me dito: “Presidente, pode dizer em qualquer canto do mundo que a Bahia tem o melhor programa e a melhor política de alfabetização de todos os 27 estados do País”. Portanto, meus parabéns, companheiro Wagner.

Agora Wagner, me permita ler meu discursinho porque, se eu for seguir no improviso, eu não paro mais. Os pescadores estão com o peixe na rede e se eu demorar eles vão perder seus peixinhos. Queria começar dizendo que este é um fato inédito na história da Bahia. Nunca uma ação governamental foi acolhida com tamanho entusiasmo e tanto engajamento de um estado. Dos 417 municípios baianos, nada menos que 363 municípios aderiram à primeira etapa do Todos pela Alfabetização. Eu quero parabenizar esses 363 prefeitos que, independente do partido político ao qual pertencem, arregaçaram as



mangas e se uniram ao governo baiano e ao governo federal neste grande mutirão contra uma das maiores injustiças praticadas contra o povo brasileiro e baiano.

Como ensinou o nosso mestre Paulo Freire, ninguém é analfabeto porque quer, mas como consequência das condições em que vive. Todos nós sabemos das condições injustas em que durante séculos viveu o povo deste estado e deste País. E queria contar aqui alguns casos. Aqui no meio de vocês deve estar – não sei se veio hoje, deve estar recebendo o diploma dele – o lavrador Edinaldo Ferreira de Souza que mora em Lagoa Seca, distrito de Inhambupe, e viveu 49 anos sem saber ler nem escrever.

“Venci o analfabetismo com muita clareza” – vejam o que o Edinaldo diz: “A pessoa analfabeta é como se fosse cega: ela enxerga, mas não vê, ela olha uma placa, um letreiro, um nome escrito num ônibus, mas não entende nada, não vê sentido nenhum. Ela se sente perdida no mundo”.

O Edinaldo já esteve muitas vezes perdido ou areado aqui na cidade de Salvador. Tantas vezes teve que perguntar qual daqueles inúmeros ônibus, todos iguais, ele deveria tomar para ir a determinado destino, e tantas vezes ouviu a seguinte resposta: “Você é cego? Olha o seu ônibus ali. Por que pergunta? Seu ignorante!”. Sim, era como se Edinaldo não enxergasse. Mas essa realidade está mudando.

Esta formatura de hoje é mais uma demonstração de que o Brasil começa a abrir os olhos e está vendo o grande País que há muito tempo já poderia ter sido construído, não fosse a falta de visão de muitos dos nossos governantes. Nada menos do que 171 mil baianos e baianas estão recebendo os seus diplominhas. É o primeiro, pendurem na parede, ponham num quadro, para ser motivo de orgulho para vocês.

Eu sei que nenhum de vocês, pelo entusiasmo que vi aqui, vai querer parar apenas na alfabetização. Tem muita coisa para vocês fazerem pela frente. Deus queira que vocês, que já avançaram muito, continuem acreditando



que este diploma é apenas o primeiro passo numa longa caminhada que vocês têm que fazer, depois de tantos e tantos anos praticamente parados em um único lugar.

Não precisam mais se sentir humilhados na hora de mostrar a carteira de identidade. Parabéns também, Wagner, pelo convênio feito entre a Secretaria de Educação e a Secretaria de Segurança Pública, por dar uma carteirinha com a fotografia deles, e não com o dedão deles.

Na hora de fazer a lição com os filhos, quantos de vocês viam o filho chegar em casa e perguntar: “Mãe, o que é isso?” “Pai, me ensina a fazer a lição”. O pai e a mãe não podiam sequer pegar no caderno dos filhos, porque sabiam que não tinham como ensiná-los.

É por isso que as pessoas que já estão na universidade, que fizeram cursos, levam vantagem sobre a maioria do povo brasileiro. Por isso é que nós estamos pensando, e eu já falei com meu amigo Fernando Haddad, que precisamos colocar professores para, depois das aulas, ficar dando aula para os alunos mais pobres que não têm mãe nem pai para ensinar, ficarem lá como reforço. Eu sei que muita gente aqui já está inscrita no EJA. Eu acho que esse é um passo importante.

Eu queria dizer para vocês mais algumas histórias que aprendi aqui, de gente que topa ajudar, que topa ensinar, que topa aprender. Como diz a música que nós ouvimos, do Gilberto Gil – música, Wagner, que a gente deveria ganhar um disquinho para levar lá para Brasília: “São lavradores e lavradoras, índios, quilombolas, pescadores, presidiários, idosos, trabalhadores Sem Terra, deficientes físicos, homens e mulheres de todas as cores, com muitas histórias para contar”.

Histórias como a do detento Bernardo Barbosa – também não sei se está aqui – que está preso em Valença e, graças ao Topa, escreveu a primeira carta de sua vida. Foi uma carta de amor para a esposa Carmelita, no dia dos namorados, dizendo que ela era a mulher mais linda e a mulher da sua vida.



Ou a história do cidadão de Serrinha – também não sei se está aqui – que parou de beber por causa do Topa. Por que ele parou de beber? Porque as aulas eram no mesmo horário em que ele costumava ir para o bar tomar uma “cangibrina”, e entre a cachaça e o Topa, ele preferiu se alfabetizar. Ou das alfabetizadoras lá do sertão, que foram fazer o curso de capacitação em Vitória da Conquista levando nos braços seus filhos de poucos meses, ou até mesmo semanas de vida. Uma delas, muito feliz com o novo trabalho, levou o bebê nascido há apenas dois dias. Então, você tem razão: essas alfabetizadoras são mais do que professoras, são heroínas brasileiras e não medem sacrifício.

Histórias de alfabetizadores e alfabetizadoras, Fernando, que andavam até seis quilômetros a pé para ensinar aos brasileiros que queriam aprender. Em vez de guardarem para si o salário – esse é um dado importante – preferiram investir o dinheiro na reforma da escola para que ela pudesse receber turmas maiores de alunos na próxima etapa. Eu não sei se tem alguma aqui, mas isso é motivo de muito orgulho.

Aqui, o prefeito de Mascote... A cidade se mobilizou de tal forma para acabar com o analfabetismo que até alguns comerciantes passaram a oferecer descontos para os alunos do Topa. Então, eu vou morar lá. Estão baratas as coisas lá, Prefeito?

Dona Aparecida Andrade, de Lagoa Seca, em vez de estudar teve que trabalhar a vida inteira, batendo tijolo em olaria. Hoje ela terminou o Topa e já está no EJA, e faz os deveres de casa com muito orgulho, auxiliada pela sua querida Soraia, filha de sete anos de idade.

História como a de três ex-alunos – Antônio Brito, Hermano da Silva e Celina da Hora – que concluíram o Topa e, com muita dedicação, passaram no concurso público da Prefeitura Municipal de Santo Antônio de Jesus. Histórias de vidas que já mudaram e ainda estão mudando, e o melhor e mais importante de tudo: histórias que agora começam a serem escritas pelos próprios personagens.



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa**  
**Discurso do Presidente da República**

---

Que Deus abençoe vocês. Que Deus dê forças ao nosso governador, ao nosso secretário de Educação, para que a gente continue fazendo da Bahia um exemplo para toda a nação.

Um abraço.

(\$211A)